

## FUNCIONAMENTOS DISCURSIVOS NO ESPAÇO CINEMA DE VEJA

**Vinícius Durval Dorne<sup>1</sup>; Renata Marcelle Lara Pimentel<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O presente artigo é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Jornalismo do Centro Universitário de Maringá (Cesumar) desenvolvido em 2008, que buscou questionar *como se configura e funciona, discursivamente, a construção textual voltada à análise de cinema, na Revista Veja, enunciada por Isabela Boscov, na função-autor*. Tomando como base teórica e analítica a Análise de Discurso (AD) de linha francesa, preconizada por Michel Pêcheux, com contribuições de Michel Foucault no que concerne à autoria, buscou-se compreender como os sentidos são colocados em funcionamento na *construção, sustentação e circulação* da autoridade jornalística, de como se dá essa discursividade *para e sobre* produções cinematográficas. A idéia propulsora desta pesquisa foi ver o modo como muitos filmes são abordados nos espaços de opinião jornalística voltadas ao cinema, de forma, muitas vezes, despolitizada. Analisando os sentidos produzidos e veiculados *pela e para* a crítica e resenha jornalística voltadas ao cinema, bem como o confronto entre as posições discursivas de resenhista e crítico, foi possível observar no espaço de cinema da Revista *Veja* um constante *ir e vir* entre o resenhar e o criticar. Observou-se que, embora Boscov fale do lugar de crítica, discursivamente a posição resenhista acaba se sobrepondo. A autora, ao ser interpelada por características da crítica cinematográfica, busca *re*-afirmar seu papel como crítica e legitimar o seu dizer. Contudo, por meio de uma leitura discursiva, pode-se notar que seus textos são atravessados (ou mesmo constituídos) por características do gênero “resenha”, entre eles, a abordagem de filmes colocados recentemente no mercado pela indústria cultural. Assim, este estudo não se fecha aqui, mas abre-se a outras e/ou novas contribuições que possam refletir sobre os espaços opinativos dos meios de comunicação, de modo a questionar o considerado evidente, a “verdade” apresentada como única e natural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Discurso; autoria; cinema; revista *Veja*

### 1 INTRODUÇÃO

Decidir qual filme ver no cinema, dentre os mais de 338<sup>3</sup> lançados todo ano, não é tarefa tão simples. Provavelmente, este é um dos motivos que confere importância aos espaços de jornais e revistas jornalísticos dedicados às produções cinematográficas, principalmente os ocupados pelos gêneros crítica e resenha jornalística sobre cinema, ainda que estes não estejam assim nominados. Neste espaço, um (não) especialista na sétima arte, amparado pelos conhecimentos teóricos e/ou obtidos pela prática, aúfer sua opinião sobre determinado produto do cinema e, não raro, é procurado por aqueles, especialistas ou meros curiosos do assunto, que buscam informação e opinião sobre as

<sup>1</sup> Graduado em Comunicação Social – Jornalismo, pelo Centro Universitário de Maringá. Discente do curso de Pós-Graduação em Letras (Mestrado), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá – PR. [dorne.vinicius@gmail.com](mailto:dorne.vinicius@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora, Docente do CESUMAR. Departamento de Comunicação Social do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. [renatamlara@yahoo.com.br](mailto:renatamlara@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Número referente à Tabela “Número de lançamentos por distribuidora” de 2007, de acordo com o Sindicato das Empresas Distribuidoras Cinematográficas do Rio de Janeiro (SDRJ/Distribuidora). Disponível em <http://www.filmeb.com.br/portal/html/graficosetabelas.php>. Acesso em 31 out. 2008.

produções exibidas, recentemente, nas salas de cinema ou que ainda entrarão em cartaz no circuito nacional.

Por meio do estudo das relações entre autoria, autoridade e legitimação do dizer na construção e sustentação do discurso jornalístico sobre cinema, questionamos *como se configura e funciona, discursivamente, a construção textual voltada à análise de cinema, na Revista Veja, enunciada por Isabela Boscov, na função-autor*. Nossa análise do *corpus* toma como material as edições de março de 2008 da revista *Veja*, focalizando, centralmente, o espaço escrito (objeto investigado), não englobando, por uma necessidade de delimitação analítica, as fotos e suas legendas utilizadas nas matérias. No entanto, não desconsideramos que ambos, texto e imagem, participam da significação textual na seção de cinema da revista *Veja*.

Ao abordar o fazer jornalístico referente ao cinema, observa-se que da mesma forma que há a memória institucional ocupada em estabilizar e cristalizar (o discurso jornalístico) há aquela responsável pelo esquecimento, pelo divergente, pela ruptura. Em tal embate, encontra-se o funcionamento do discurso, “ritual da palavra” (ORLANDI, 2003) – ainda que, palavra não dita, discurso incompleto, sem demarcação de início ou final. Conforme Orlandi (2003, p. 37), visto a língua estar sujeita ao equívoco e a ideologia ser um ritual com falhas “que o sujeito, ao significar, se significa”. Nessa medida, o presente estudo, ao trabalhar com a incompletude da língua, trata de sujeitos, discursos e sentidos que nunca estão prontos e acabados, mas em constante movimento.

Para nossa análise, levantamos reflexões propostas por estudiosos como Michael Foucault, Eni Puccinelli Orlandi, Solange Gallo e Suzy Lagazzi no que concerne à autoria e autoridade, visto a relação sujeito de linguagem com a escrita e a produção do autor como um lugar de interpretação. Como explica Lagazzi-Rodrigues (2006), tal como sujeito e linguagem, autor e texto mantêm relação necessária. Nesta perspectiva, discutimos as formas pelas quais o discurso é legitimado, bem como o conjunto sistematizado de condições interdependentes que irão compor os “rituais sociais”; estes, necessários para o sucesso da operação da “magia social” – os “atos de autoridade”, conforme explica Pierre Bourdieu (1998) em *A Economia das Trocas Lingüísticas*. O autor entende que se deve levar em consideração a relação existente entre as propriedades do discurso, daquele que o pronuncia, bem como da instituição que o autoriza a pronunciar; caso contrário, a análise fica condenada ao fracasso.

Trabalhando com a questão da autoria e autoridade, levamos em consideração os pré-construídos<sup>4</sup> jornalismo/opinião e jornal/revista, principalmente no que concerne à suposta divisão informação/opinião e do jornalismo de revista que se refletem no espaço ocupado por *Isabela Boscov* em *Veja*. Logo, consideramos, também, os pré-construídos sobre a crítica e resenha jornalística voltada ao cinema, e os sentidos existentes e postos em circulação sobre esses dois gêneros de análise de cinema: o que se espera de uma crítica e/ou resenha, de quem o escreve, do formato do texto, suas principais características. Sentidos esses que produzem eficácia justamente por não serem postos em questionamentos, mas aceitos como naturais.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Tomamos como linha teórica e metodológica para nosso trabalho a Análise de Discurso (AD) de linha francesa, preconizada por Michel Pêcheux, cuja gênese no Brasil se deve à lingüista Eni Puccinelli Orlandi. A AD, avançando do exposto na superfície

---

<sup>4</sup> Para Michel Pêcheux (1995, p. 270) em *Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*, pré-construídos são os “afrontamentos a propósito de nomes e expressões”. Os pré-construídos apontam para as Formações Discursivas (FDs), responsáveis por constituir o sujeito do enunciado; sentidos cristalizados em regiões do interdiscurso. O pré-construído é o sentido instituído por determinada área/instituição e tomado sem questionamento; sendo para sustentar os próprios fundamentos dessas áreas/instituições.

lingüística (Análise de Conteúdo) – não procura um sentido “oculto” no texto –, interroga-se *como* o texto significa; isto é, a questão levantada salta de “o *quê*” para o “*como*”. Forma e conteúdos são trabalhados simultaneamente, sendo a língua, além de estrutura, acontecimento, conforme Orlandi (2003), baseada em Pêcheux (1997)<sup>5</sup>. Ao reunir estrutura e acontecimento, a forma material é posta como o acontecimento do significante (língua), por meio de um sujeito afetado pela história. A língua é tomada não como algo abstrato, descontextualizado, mas como lugar de manifestação da ideologia pelo discurso; ou seja, a ideologia se materializa no discurso e este na língua (ORLANDI, 2005).

Em tal linha teórica, o objeto de estudo deixa de ser a mensagem para ser o discurso – conforme Pêcheux, “efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2003, p. 21) –, não correspondente à mera condição de fala, indo além da simples transmissão de informação para a condição de uma rede constituinte de sujeitos e produção de sentidos. Inserida na relação do discurso, a memória passa a ser abarcada como interdiscurso, memória discursiva, o falar antes, em outro lugar. O interdiscurso fornece dizeres que afetam a maneira pela qual o sujeito significa em dada situação; ou seja, tudo o que já foi dito sobre algo, por diferentes pessoas, instituições etc, em diferentes lugares, em outros momentos, mas que, não obstante, também significam em um novo discurso, produzem um efeito de sentidos.

Nossa pesquisa abordou, primeiramente, alguns pressupostos teóricos da Análise de Discurso, de modo a prescrever embasamento teórico para a aplicação da mesma no nosso *corpus*. Posteriormente, levantamos os pré-construídos da atividade jornalística (informação *versus* opinião, texto de jornal e de revista, *lead*) para, então, tratar especificamente dos gêneros textuais crítica e resenha jornalística sobre cinema.

Nosso movimento de análise desdobrou-se em dois momentos. No primeiro momento, abordamos as marcas de autoridade, apontadas por Orlandi (2004), observadas no texto de Boscov; principalmente, ao atentarmos para o fato de que a autoria, enquanto forma-sujeito, é elemento necessário para o discurso ou, na perspectiva da função assumida, necessário para o discurso ser reconhecido e aceito. Conforme Foucault (2000), o autor apresenta-se como o princípio do agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações, responsável pelo texto que produz. Em um segundo momento, analisamos, especificamente, o texto de Boscov, procurando as (não) regularidades, as formas pelas quais se apropria e/ou se distancia dos padrões existentes quanto à crítica e à resenha jornalística sobre cinema.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este percurso de análise mostrou que Isabela Boscov ocupa um espaço da revista *Veja* que, pela memória discursiva, faz ressoar sentidos de crítica cinematográfica, principalmente por este espaço ser reconhecido como tal, apresentar argumentos e uma avaliação sobre o filme em questão – tarefas que, por si só, remetem à idéia de crítica. A autora, ao ser interpelada por características da crítica cinematográfica, busca *re*-afirmar seu papel como crítica e legitimar o seu dizer. No entanto, por meio de uma leitura discursiva, infere-se que seus textos são atravessados (ou mesmo constituídos) por características do gênero “resenha” à medida que tratam de filmes colocados recentemente no mercado pela indústria cultural, servindo como indicação, um guia ao leitor do que vale a pena ou não ser visto no cinema. Seu texto se configura como “resenha”, também, por se tratar de uma avaliação curta, desprovida de aprofundamentos e carregada de adjetivação que apelam para os extremos, sem muitos argumentos que justifiquem determinada tomada de posição. Este espaço se apresenta como um grande

---

<sup>5</sup> No livro *O discurso: estrutura ou acontecimento*, Pêcheux (1997) explicita essa relação constitutiva do discurso em estrutura e acontecimento.

resumo da obra analisada juntamente com juízos de valor, expostos como uma verdade revelada e, muitas vezes, aceita sem qualquer questionamento.

Em nossa análise, pudemos observar que o espaço dedicado ao cinema na revista *Veja* distancia-se do gênero crítica, quando dele se espera, conforme Piza (2003), um deslocamento para além do objeto analisado. Segundo o autor, o crítico necessita demonstrar conhecimento de outros setores além do próprio cinema, como a literatura e a história das artes visuais. Altamnn (2008) explica que a crítica funciona como mediação das significações originais da obra com a vida dinâmica, realizando a “historicidade da compreensão”. Esta compreensão é a interpenetração do movimento da tradição e do movimento do intérprete. Boscov não realiza o trabalho de interpretar, no sentido proposto por Altmann (2008, s.p), qual seja, uma linguagem crítica responsável por agir e autorizar a comparação entre o texto, história e a nova interpretação. A autora expõe, então, que não há um “suposto significado ‘verdadeiro’ das obras”, pois a recepção é percebida por meio de códigos sociais que regem sua circulação.

Ao considerarmos as condições de produção do texto de Boscov, notamos que sua “crítica” não poderia ser outra coisa senão “crítica de conteúdo”. Devido ao caráter massivo da revista *Veja*, uma análise para além daquela de conteúdo fica limitada, ainda que se apresente como revelação da crítica. O que é materializado no espaço de cinema da revista *Veja* não condiz com aquilo que teorizam os estudiosos sobre crítica de cinema, apontados neste estudo, ou seja, aquela que se desloca para além do objeto analisado (sendo não somente os filmes colocados recentemente no circuito de exibição). O espaço dedicado ao cinema se apresenta como espaço de venda de um produto cultural e, amparando-se em juízos de valor naturalizados e cristalizados, reafirma a própria autoridade da revista capaz de julgar o que é “bom” ou “ruim”, vendendo a imagem de responsável em revelar a verdade.

Ainda que, textualmente, os textos de Boscov estejam mais próximos do gênero resenha cinematográfica, imbuem-se da autoridade – tanto de *Veja*, como do crítico de cinema (Boscov) e dos pré-construídos da área que compõem a memória discursiva frente a este espaço – para se marcar como crítica cinematográfica, legitimando este espaço. A crítica estaria num patamar para além do massivo, lugar do qual a revista *Veja* se apropria, mas que não é o seu, visto ser uma revista de grande circulação. Mesmo seu espaço não demarcado se é ocupado pela “crítica ou resenha”, funciona no imaginário social como crítica e, dessa forma, os sentidos existentes na memória discursiva estão presentes na legitimação dos dizeres de Boscov. Baseado nisto, a autora busca se firmar não como resenhista, como se enquadraria tecnicamente, mas enquanto crítica de cinema. Nesta perspectiva, consideramos que este sentido de crítica cinematográfica, presente no texto de Boscov, só é possível quando consideramos a forma de como ele se constitui, se formula e como circula, uma vez que não temos domínio de como os sentidos se constituem em nós, pois, conforme Pêcheux (1997), não é por aprendizagem que os sentidos se constituem, mas pela filiação a uma complexa rede de sentidos.

#### **4 CONCLUSÃO**

Ressaltamos, então, que um discurso nunca começa nele mesmo, uma vez que há sentidos que sustentam os sentidos nele constituídos. Quando nos deparamos com este sentido de crítica cinematográfica, quando o lemos, estamos já comprometidos com estes sentidos (e não outros); afinal, eles estão significando nos sentidos que temos acesso. É assim que tais sentidos fazem sentido. É uma questão de linguagem, de saber discursivo e de como este se institui na memória; o motivo da manutenção de determinados sentidos e não outros.

Frente ao exposto, reafirmamos a exposição de Altmann (2008) quando considera o caráter social e comunicacional da crítica, abrangendo o circuito produção-circulação-

consumo (apropriação e re-significação) e proporcionando o deslocamento, o deslizamento quanto ao que se espera da crítica cinematográfica. Segundo a autora, a obra de arte só cumpre sua função quando à recepção são incorporadas novas significações. Ou seja, tal como a recepção do crítico, a do leitor deve ser capaz de abrir o acontecimento artístico a novos sentidos, tornar-se um novo momento constitutivo da obra. A opinião de Boscov não é a palavra final e nem deve ser tomada como a única verdade possível, uma vez que uma obra pode originar inúmeros sentidos de acordo com sua recepção. O juízo do crítico seria, nessa medida, um entre tantos outros momentos constitutivos e de atribuição e produção de sentidos *para* e *além* de um filme.

Concluimos, portanto, que Boscov está afetada pelos pré-construídos da área. Observamos as características do gênero crítica como da resenha jornalística na sua construção textual, marcando-se como pessoa autorizada para falar sobre o cinema. Em seus textos, por mais que tente sair do convencional aceito, naturaliza sua discussão como verdadeira, principalmente, quando indica que tal modelo (filme, roteiro, interpretação) está certo e outro não. Trabalha como algo inquestionável. Embora com efeito de revelação, produz, apenas, o sentido naturalizado.

Tal como a crítica e a recepção de um filme, este trabalho se abre a outras e/ou novas contribuições capazes de refletir sobre os espaços de opinião, desmonumentalizando o evidente, o naturalizado. Somente quando se coloca em suspenso a “verdade revelada” é que podemos interrogar a “autonomia” (imaginária) conferida a um autor para tratar sobre o que lhe é delegado, bem como da relevância das informações transmitidas pelos espaços opinativos, presentes diariamente em tantos veículos de comunicação.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Eliska. **Recepções da crítica cinematográfica**. 2008. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14272.pdf>>. Acesso em 25 jul. de 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas lingüísticas**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

FOUCAULT, Michel. Qu'è est-ce qu'un auter?. In: Bulletin de la Societé Française de Philosophie, n. 3. Trad. **O que é um autor**. 4. ed. Porto: Vega, 2000.

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. Texto e autoria. In: LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy e ORLANDI, Eni P. (org). **Introdução às Ciências da Linguagem: Discurso e Textualidade**. Campinas: Pontes Editores, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

\_\_\_\_\_. Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. Michel. **Semântica e discurso: Uma crítica à Afirmação do Óbvio**. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1995.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003. Coleção Comunicação.

**Revista Veja on-line.** Disponível em <[http://www.veja.abril.com.br/isabela\\_boscov](http://www.veja.abril.com.br/isabela_boscov)>. Acesso em 25 jul. 2008.